

A Educação Especial na História: da Idade Média até o século XX

AULA 2

Meta da aula

Apresentar as principais concepções da Educação Especial desde a Idade Média.

objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

1. escrever a história da educação das pessoas deficientes desde a Idade Média até o século XX;
2. identificar as principais concepções da educação dessas pessoas especiais a partir da Idade Média;
3. reconhecer os mais importantes personagens que contribuíram para a educação das pessoas deficientes.

INTRODUÇÃO

A Idade Média é considerada a “Idade das Trevas”. Esse período se caracterizou pela falta de conhecimento sobre as doenças e suas causas; pela falta de informação; pela falta de educação; pelo medo do desconhecido; pelo uso de significados religiosos e sobrenaturais para explicar as deformidades físicas e os comprometimentos mentais e sensoriais.

Essa atmosfera de ignorância e de superstição concorreu para a segregação das pessoas com algum tipo de deficiência, generalizando-se o conceito de que um corpo deficiente abrigava também uma mente deformada. As gravuras, os relatos e os quadros retratados nessa época mostram a pessoa com deformidade ou com problemas sensoriais sempre suja e marginalizada que, para sobreviver, pedia esmolas.

Pode-se inferir que, de certa maneira, herdamos daquela época nossa forma preconceituosa de agir e de pensar sobre a pessoa deficiente. Nos dias de hoje, nas situações cotidianas, por exemplo, encontramos cenas que em nada diferem da Idade Média. De um lado, deficientes em esquinas pedindo esmolas e, de outro, pessoas de diferentes classes sociais e níveis de informação que ainda acreditam que os “deformados na aparência” são também pessoas incapazes de pensar e aprender.

A partir do século XV, a Europa começou a viver uma nova era, renovada por interesses culturais e intelectuais. Esse movimento, nos séculos seguintes, começou a modificar o estado de ignorância e de superstição e a reconhecer o valor do homem, sinalizando para as mudanças na vida daqueles menos privilegiados como os pobres, os doentes e os deficientes. Era o início de uma nova forma de pensar.

INQUISIÇÃO

Antigo tribunal da Igreja Católica instituído para capturar, julgar e punir os acusados de heresia. As penas variam desde uma retratação pública até o confisco de bens e a prisão perpétua, convertida pelas autoridades civis em execução na fogueira ou na forca, em praça pública (séculos XIV, XV, XVI) (LOMBARDI, 2007).

REFORMA

Movimento religioso, político e econômico, que começou no Séc XVI e quebrou a unidade da Igreja Católica Romana, contribuindo para o aparecimento das religiões ditas protestantes (LOMBARDI, 2007).

NO INÍCIO DA ERA MODERNA

No final da Idade Média e no início da Idade Moderna, a **INQUISIÇÃO** sacrificou centenas de milhares de pessoas entre loucos, adivinhos, deficientes mentais ou considerados endemoniados. A visão supersticiosa sobre o deficiente é a marca desse período.

No século XVI, principalmente durante a **REFORMA**, a rigidez ética, acrescida da noção de culpa e responsabilidade, conduzia a uma grande intolerância. Com uma visão pessimista, o homem, quando lhe faltava a razão, era visto como uma besta demoníaca ou como um ser do mal.

A teologia de **LUTERO** concebeu o deficiente de forma igualmente primária e tendenciosa – “afogá-lo” ou “orar por ele” eram consideradas como práticas eficazes e morais. Esse era o modelo de visão medieval do problema.

No século XVI, os médicos **PARACELSO** e **CARDANO** começaram a defender a idéia de que os portadores de deficiência mental eram um problema médico e que isso acontecia por uma fatalidade hereditária ou congênita, passando a chamá-los de cretinos, idiotas ou amentes, não acreditando que pudessem ser educados ou recuperados. Segundo eles, caberia aos médicos, e não ao clero, a decisão sobre a vida e o destino dessas pessoas.

A importância de Paracelso está em sua obra *Sobre as doenças que privam os homens da razão*, escrita em 1526, mas somente publicada em 1567, após sua morte. A obra traz, pela primeira vez, uma autoridade reconhecida da medicina fazendo a consideração médica de um problema que, até então, era tratado como teológico e moral.

Jerônimo Cardano, por outro lado, unindo o misticismo, a magia, a astrologia e a cabala, acreditava em poderes especiais e forças cósmicas como sendo os responsáveis pelos comportamentos tidos como inadequados. Seu interesse era semelhante ao de Paracelso, acrescido do aspecto pedagógico – a instrução do deficiente.

Quase cem anos depois, no século XVII, as instituições religiosas começaram a oferecer assistência aos deficientes, como foi o caso das organizações **IRMÃS DE CARIDADE** e **SÃO VICENTE DE PAULO**. Antes, elas usavam o confinamento como forma de cuidado.



**MARTIN LUTERO
(1483-1546)**

Alemão, determinou a separação dos povos germânicos da Igreja Católica. Foi o responsável pela doutrina religiosa que levou o seu nome (PADOVANI, 1972).



**PARACELSO
(1493-1541)**

Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus Von Hohenheim, dito Paracelsus, médico e alquimista, considerava que traumatismos e doenças poderiam resultar em deficiência (PESSOTTI, 1984).

**PADRE VICENTE
DE PAULO
(1581-1660)**

Fundador de instituições, na França, para crianças pobres, abandonadas, doentes e deficientes. Seu trabalho levou à criação de congregações religiosas como as **IRMÃS DE CARIDADE** (SILVA, 1987).



**JERÔNIMO CARDANO
(1501-1576)**

Filósofo, médico e matemático de renome (PESSOTTI, 1984).

**THOMAS WILLIS
(1621-1675)**

Autor londrino da obra *Celebri Anatome* (1664) que inaugura a postura organicista diante da deficiência mental (PESSOTTI, 1984).

**JOHN LOCKE
(1632-1704)**

Filósofo inglês, médico e ensaísta, exerceu enorme influência, principalmente durante o século XVIII (PESSOTTI, 1984).

Mais ou menos na mesma época, por volta de 1650, em Londres, **THOMAS WILLIS** descreveu, pela primeira vez, a anatomia do cérebro humano e afirmou que a idiotia e outras deficiências eram produto de alterações na estrutura do cérebro. Esse evento deu início a uma mudança na visão sobre os distúrbios apresentados pelos deficientes mentais. A abordagem deixou de ser ética e humanitária, até mesmo fanático-religiosa, dando lugar aos argumentos científicos.



Verifique que, com o advento da ciência moderna, muito foi esclarecido, transformando a visão acerca da deficiência e, conseqüentemente, o futuro das pessoas com necessidades especiais.

Os preceitos religiosos e morais foram modificados também quando **JOHN LOCKE**, com sua obra *Essay* (1690), revolucionou definitivamente as doutrinas então vigentes sobre a mente humana e suas funções.

Com a visão naturalista da atividade intelectual, a mente foi entendida como uma página em branco, sem qualquer letra, sem qualquer idéia – uma tábula rasa. Caberia à experiência e, portanto, ao ensino suprir as carências.

A ênfase seria, segundo PESSOTTI (1984),

Na ordenação da experiência sensorial como fundamento da didática, a individualidade no processo de aprender, a insistência sobre a experiência sensorial como condição preliminar dos processos complexos de pensamento, a importância na aquisição de noções (p. 22).

A Teoria do Conhecimento e Aprendizagem, de Locke, influenciou o pensamento educacional de **ROUSSEAU** e de **CONDILLAC** que, posteriormente, deu origem ao primeiro programa sistemático de EE elaborado por **JEAN ITARD**, em 1800. A concepção de Locke influenciou também as concepções pedagógicas de **PESTALLOZZI** e **FROEBEL**.



**JEAN-JACQUES
ROUSSEAU
(1712-1778)**

Filósofo suíço que defendia que a vontade individual não deveria ser prisioneira da vontade coletiva e que a liberdade era um dever da natureza humana (PADOVANI, 1972).



**ESTEVAN BONNOT
DE CONDILLAC
(1715-1780)**

Considerado o maior filósofo do Iluminismo francês. Autor de *Le Traité des Sensations* (PADOVANI, 1972).



**JEAN-MARC GAS-
PARD ITARD
(1774-1838)**

Médico e cirurgião reeducador de surdos. Autor de inúmeros trabalhos sobre gagueira, educação oral e audição. Fundador da otorrinolaringologia (PESSOTTI, 1984).

**JOHAN HEINRICH
PESTALLOZZI
(1746-1820)**

Educador suíço e fundador de colégios para crianças carentes (PESSOTTI, 1984).

**AUGUSTO FREDERICO
FROEBEL
(1782-1852)**

Aluno de Pestalozzi e criador de um sistema de educação especial para a primeira infância, aplicável a crianças deficientes mentais (PESSOTTI, 1984).

Por volta de 1800, Itard, trabalhando em um asilo de surdos-mudos, dedicou-se ao estudo da gagueira, educação oral e audição.

Ainda no começo do século XIX, Itard iniciou o atendimento aos débeis ou deficientes mentais, utilizando métodos sistematizados.

Itard trabalhou durante cinco anos com Victor – uma criança de 12 anos, selvagem, capturada na floresta de Aveyron, no sul da França, conhecido como “o selvagem de Aveyron”. Itard pode ser considerado como o criador de uma educação especial para deficientes mentais.

**CHARLES MICHEL
EPPÉE
(1712-1789)**

Abade que reconhecia a psicologia do surdo como sendo diferente daquele que ouvia (PESSOTTI, 1984).

**VALENTIN HAÛY
(1745-1822)**

Conhecido como pai e apóstolo dos cegos, foi o fundador do Instituto Nacional de Jovens Cegos em Paris (1784) (SILVA, 1987).

**ESQUIROL
(1772-1840)**

Médico ortofrenista que definiu e distinguiu a confusão mental, a loucura e a idiotia.

Nessa época, também se destacaram os pioneiros **CHARLES M. EPPÉE** e **VALENTIN HAÛY**. O primeiro, ligado à educação de surdos-mudos – como eram chamados os surdos naquela época – e o segundo, ao ensino de cegos.

O abade Eppée foi o fundador da primeira instituição especializada em surdos-mudos (Paris, 1770). Ele também inventou o *método de sinais*, destinado a complementar o alfabeto manual e a designar muitos objetos que não podiam ser percebidos pelos sentidos. Publicou, entre outras obras, *A verdadeira maneira de instruir surdos e cegos*, em 1776 (MAZZOTTA, 1999).

Os trabalhos do abade Eppée e a grande projeção de suas obras influenciaram muitas pessoas, entre elas o inglês Thomas Braidwood (1715-1806) e o alemão Samuel Hernecke (1729-1790), que fundaram, em seus respectivos países, institutos para a educação de surdos-mudos. Hernecke inventou o chamado *método oral* para ensinar os surdos-mudos a ler e a falar a partir dos movimentos dos lábios, que hoje é denominado “leitura labial” ou “leitura orofacial”. Esse método se opõe ao *método de sinais* de Eppée, e, desde aquela época, já se discutia a validade de um em detrimento do outro.

Valentin Haüy fundou, em Paris, em 1784, o *Institute Nationale des Jeunes Aveugles* (Instituto Nacional de Jovens Cegos). Haüy utilizava letras em alto-relevo para o ensino de cegos.

Muito tempo depois, em 1818, **ESQUIROL** diferencia demência (doença mental) e amência (deficiência mental). Nas palavras dele, o primeiro é louco, o segundo é idiota. É com Esquirol que a idiotia deixa de ser considerada uma doença e o critério para avaliá-la passa a ser o rendimento educacional. O campo médico, em consequência, perde a palavra final no que diz respeito à deficiência mental, abrindo as portas dessa nova área de estudo ao pedagogo. Outra contribuição importante de Esquirol foi o fato de ele chamar a atenção para as carências ou acidentes pré ou perinatais nos casos da idiotia, deixando de lado a noção de que as causas fossem, em sua maioria, hereditárias.

Esquirol estabeleceu claramente a diferença entre a idiotia (definida como ausência de desenvolvimento intelectual desde a infância e devido a carências infantis ou condições pré e perinatais), a confusão mental (entendida como condição passageira e de incidência mais ou menos geral) e a loucura (caracterizada como perda irreversível da razão e suas funções) (PESSOTTI, 1984).

Ortofrenia

Significa intelecto normal; arte de corrigir as perturbações mentais (FERREIRA, 2004).

Mais tarde, **BELHOMME** (1824) definiu e ordenou os tipos de classificação da deficiência mental. Ele a dividiu em duas categorias: idiotia e imbecilidade. A primeira, em dois graus, e a segunda, em três. Essas classificações mostraram a possibilidade de se educar os deficientes mentais, de acordo com os graus de comprometimento.

A partir dessa informação, começaram a surgir instituições, métodos e recursos especiais para a educação dos deficientes mentais.

Até o século XVIII, as noções sobre deficiência estavam sempre ligadas ao misticismo e ao ocultismo. Não havia o entendimento sobre diferenças individuais, e a condição de deficiente era considerada imutável.

O primeiro especialista em deficiência mental e ensino para esses deficientes foi **EDOUARD SEGUIN**, discípulo de Itard e com formação médica e pedagógica. Ele reconheceu a importância do treino sensório-motor para o desenvolvimento dos deficientes mentais. Também sistematizou a metodologia do ensino especial na obra *Traitment Moral*, publicada em francês, em 1846, na cidade de Londres. Propôs, ainda, uma teoria psicogenética e afirmou que, qualquer que fosse o gênero da deficiência, o indivíduo poderia ser educado. Os progressos do deficiente dependeriam de três aspectos: o grau de comprometimento de suas funções orgânicas, o quanto de inteligência que o deficiente apresentava e a habilidade na aplicação do método.

BELHOMME

Discípulo de Esquirol que escreveu *Essay* (1824). Esta obra é o auge da Ciência para o trabalho para a educação daqueles considerados idiotas ou imbecis (PESSOTTI, 1984).

**EDOUARD SEGUIN
(1812-1880)**

Médico fisiologista que discutia com propriedade questões pedagógicas da deficiência mental. É o primeiro a indicar causas orgânicas, hereditárias ou não, ambientais e psicológicas como específicas da idiotia (PESSOTTI, 1984).

Em todos os tempos e em diferentes sociedades, a despeito dos avanços alcançados e dos novos conhecimentos com o advento da ciência a partir do século XVIII, a grande maioria da população ainda não tinha acesso às informações e às novas concepções acerca da deficiência, suas causas e os tipos de escolarização mais adequados. Acresça-se a isso o consenso pessimista, como chamou Mazzotta, fundamentado principalmente na idéia de que a condição de “incapacitado”, “invalidado” e “deficiente” era uma condição imutável. Essa concepção levou à completa omissão da sociedade em relação ao atendimento das necessidades individuais específicas dessa população.

Mazzotta (1999) entende **CLIMA SOCIAL** como sendo o conjunto de crenças, valores, idéias, conhecimentos, meios materiais e políticos de uma sociedade em determinado momento.

TERATOLOGIA

É o estudo das monstruosidades (FERREIRA, 2004).

IDIOTIA

É preciso lembrar que a idiotia, nessa época, era considerada uma doença orgânica e nervosa com causas específicas.

Segundo Mazzotta (1999), somente quando a mudança no quadro social ou no “**CLIMA SOCIAL**” apresentou condições mais favoráveis, depois do século XVIII, é que iniciativas de homens, mulheres, profissionais e deficientes começaram a aparecer, organizando medidas e propondo ações visando ao atendimento das pessoas portadoras de deficiência, bem como sensibilizando a sociedade para o problema. Essas pessoas, que se tornaram líderes e representantes dos interesses e das necessidades dos portadores de deficiência, abriram espaços em diferentes áreas da vida social com o objetivo de ampliar os conhecimentos e encontrar formas para melhorar as condições de vida de tais pessoas.

Os primeiros movimentos pelo atendimento aos deficientes aconteceram na Europa, e mais tarde expandiram-se para os Estados Unidos, o Canadá e depois para outros países, inclusive o Brasil.

Até o final do século XIX, encontravam-se na literatura diversas expressões para se referir ao atendimento educacional dos portadores de deficiência, como Pedagogia dos anormais, Pedagogia teratológica, Pedagogia curativa ou terapêutica, Pedagogia da assistência social e Pedagogia emendativa. Para Mazzotta (1999), algumas dessas expressões são utilizadas ainda hoje, mesmo que impróprias.

**ATIVIDADE****Atende aos Objetivos 1 e 2**

1. Para descrever a história da educação das pessoas deficientes, suas concepções e alguns de seus personagens, faça a atividade seguinte. Faça três colunas e sete linhas com os seguintes títulos – **Nomes dos personagens – Feitos – Época**. Abaixo da coluna Nomes dos personagens, relacione, pelo menos, sete personagens estudados na aula. Nas outras duas colunas correspondentes, destaque os principais feitos desses homens e a época em que isso aconteceu.

RESPOSTA COMENTADA

Você deve ter destacado pelo menos sete nomes relacionados na aula, seus feitos e a época em que viveram.

Se você não conseguiu sequer mencionar os nomes das principais personalidades nem ao menos relacionou seus feitos, sugiro que retome o texto desde o início e que o estude novamente com mais atenção.

Em 1866, foi publicada a obra *Observations on Ethnic Classification of Idiots*, em Londres, de Langdon Down. Esta obra tornou célebre o seu autor por descrever a síndrome de Down, que era chamada de mongolismo. Essa referência era devida à grande semelhança existente entre as pessoas que tinham a síndrome e as da raça mongólica.

Nessa obra, Down descreve todas as características que auxiliam na identificação da síndrome. O cabelo não é negro como o dos mongóis, mas de cor castanha, liso e escasso; a face é plana, alargada e sem proeminências; as bochechas redondas e estendidas lateralmente e, assim, ele continua a descrever os olhos, a pálpebra, a pele, a língua e os lábios. Além da contribuição da obra de Down, a especificação de um novo tipo de deficiência mental começou a motivar a pesquisa biomédica para o estudo desse novo tipo de idiota.



**MARIA MONTESSORI
(1870-1952)**

Chamada de *Dottoressa*, foi a primeira médica da universidade italiana. Fundou a Casa dei Bambini para crianças (PESSOTTI, 1984).

A médica italiana **MARIA MONTESSORI** foi outra importante educadora que muito contribuiu para a EE. Ela aprimorou os métodos de Itard e Seguin e desenvolveu um programa de treinamento para crianças deficientes mentais nos internatos de Roma. Suas técnicas foram levadas para diversos países da Europa e Ásia. Montessori enfatizou, entre outras coisas, a autoeducação pelo uso de materiais didáticos, criando um método que procurava adequar a didática às peculiaridades motivacionais do aluno.

Montessori, assim como Pestalozzi, criou sistemas pedagógicos eficazes para a infância em geral, baseando seus métodos em crianças intelectualmente deficientes e, posteriormente, estendendo esses métodos às crianças normais.

Para Montessori, o método não deve limitar-se às formas de ensinar repertórios educacionais, mas deve alcançar a pessoa do educando, seus níveis de aspirações, seus valores e sua autoestima. Essa foi uma das suas maiores contribuições para o entendimento da deficiência mental (PESSOTTI, 1984).

Em sua obra *Pedagogia científica*, Montessori relata que foi guiada por Itard e Seguin e, com base nos textos desses autores, criou um riquíssimo material didático que, a despeito da atração que ele despertava em todos, aos deficientes passava despercebido.

A importância de Seguin era tão grande para Montessori que ela conseguiu concluir, após muito estudo, que o sucesso da obra dele estava na preparação do educador. Este deveria ser atraente, com voz agradável e sedutora. Deveria cuidar de seus gestos e de sua pessoa para poder conquistar as crianças, como um artista pronto para entrar em cena. Essa era a chave secreta do êxito pedagógico (PESSOTTI, 1984).



O respeito às vivências (experiências) de cada um e aos ritmos de progresso é o requisito para o bom método, segundo Montessori.

Montessori era convicta de que o educador deveria se colocar no mesmo nível dos alunos, pois agindo de outra forma não conseguiria educá-los. Assim, o professor deveria despertar na alma infantil o homem que está ali, definindo dez regras de educação adequadas tanto para as crianças normais em idade pré-escolar, como para crianças treináveis em idade escolar, isto é, aquelas que têm deficiência mental moderada.

As regras de educação definidas por Montessori são:

1. As crianças são diferentes dos adultos e necessitam ser tratadas de modo diferente.
2. A aprendizagem vem de dentro e é espontânea, a criança deve estar interessada numa atividade para se sentir motivada.
3. As crianças têm necessidade de ambiente infantil que possibilite brincar livremente, jogar e manusear materiais coloridos.
4. As crianças amam a ordem.
5. As crianças devem ter liberdade de escolha, por isso necessitam de material suficiente para que possam passar de uma atividade para a outra, conforme o índice de interesse e de atenção o exijam.
6. As crianças amam o silêncio.
7. As crianças preferem trabalhar a brincar.
8. As crianças amam a repetição.
9. As crianças têm senso de dignidade pessoal; assim, não podemos esperar que façam exatamente o que mandamos.
10. As crianças utilizam o meio que as cerca para se aperfeiçoar, enquanto os adultos usam-se a si mesmos para aperfeiçoar seu meio.

(MAZZOTTA, 1999, p. 23)

A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA AMÉRICA

No início do século XIX, as iniciativas individuais, coletivas e institucionais determinam o avanço na área de Educação Especial.

Nos Estados Unidos, a primeira escola pública para surdos foi estabelecida em 1817, em Connecticut. No Canadá, foi fundada em Montreal, em 1848, uma escola para meninos surdos-mudos.

Cinqüenta anos depois que Valentin Haüy havia fundado a primeira escola para crianças cegas, instalou-se nos Estados Unidos, em 1829, o primeiro internato para cegos, em Massachusetts. Este instituto começou a funcionar com apenas seis alunos em 1832. No mesmo ano, em Nova York, foi fundada outra escola do gênero. Cabe destacar que a primeira escola inteiramente subsidiada pelo Estado foi a Ohio School For the Blind, instalada em 1837. A importância do fato se deve ao despertar da sociedade para a obrigação do Estado com a educação dos portadores de deficiência (MAZZOTTA, 1999).

O primeiro internato público para deficientes mentais de que se tem notícia foi criado em 1848, em Massachusetts, introduzindo o *método Seguin*. O período de 1817 a 1850 foi muito benéfico para a educação das crianças deficientes. Muitas escolas para cegos, surdos e deficientes mentais apareceram. Para os deficientes físicos, os programas surgiram décadas mais tarde.

O modelo europeu de escolas residenciais teve forte influência nos Estados Unidos no período de 1850 a 1920, com o crescente aumento de escolas para deficientes.

No final do século XIX, no entanto, as escolas residenciais deixam de ser consideradas como instituições apropriadas para a educação do deficiente mental. Elas passam a ser vistas como instituições para crianças e adultos sem possibilidade de educação. Os programas de externato começam, por esse motivo, a ser desenvolvidos.

As primeiras classes especiais datam de 1896. Em Providence, foi instalada uma classe para deficientes mentais e, em Chicago (1900), foram criadas a classe para cegos e a classe para crianças aleijadas em uma escola pública.

Nessa época, por volta de 1900, a educação dos deficientes era muito mais um problema pedagógico que médico.

Por iniciativa do pai de uma criança com paralisia cerebral, em 1940, o jornal *Times*, de Nova York, publicou um anúncio que levou à criação de uma organização para essas crianças. Nesta organização, os pais levantavam fundos para os centros de treinamento e pesquisa, estimulando as iniciativas do governo no sentido de criar uma legislação que proporcionasse os recursos necessários às demandas.

Por volta de 1950, a exemplo do que aconteceu com a Associação dos Paralisados Cerebrais, os pais de crianças com desenvolvimento mental retardado, excluídas da escola devido a leis que dificultavam o seu ingresso ou permanência, organizaram-se e criaram a National Association For Retarded Children (NAR). Essa organização exerceu grande influência em vários países e, no Brasil, foi a inspiração para a criação das Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAEs.



Conviver com deficientes não é a marca da atualidade. O que pode ser considerado como conquista é a luta em defesa dos direitos à educação e à cidadania das pessoas com deficiência.

CONCLUSÃO

A evolução da educação das pessoas deficientes foi marcada por grandes avanços no campo da Medicina (na compreensão das deficiências) e no campo da Pedagogia (nos métodos utilizados e nas formas de escolarização do deficiente).

ATIVIDADE FINAL

Atende ao Objetivo 3

Para reconhecer alguns dos mais importantes personagens que contribuíram para a educação das pessoas deficientes, responda a seguinte pergunta:

Quais foram as principais contribuições de Langdon Down e de Maria Montessori para a educação e escolarização dos deficientes?

RESUMO

A trajetória da Educação Especial da Idade Média até os dias de hoje mostra que, apesar do desconhecimento e do preconceito, iniciativas isoladas de estudiosos, que acreditaram na potencialidade do indivíduo deficiente como uma pessoa com direitos e singularidades que precisava ser educada, favoreceram as conquistas nesse campo.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, você irá conhecer a Educação Especial no Brasil até 1950.

